

» NAHIMA MACIEL

O biógrafo é o primeiro a se beneficiar de uma biografia, garante Ruy Castro. Ele aprendeu muito ao longo de três décadas dedicadas às pesquisas que renderam clássicos como *Chega de saudade: A história e as histórias da Bossa Nova*, *O anjo pornográfico: A vida de Nelson Rodrigues*, *Carmem — Uma biografia e Estrela solitária: Um brasileiro chamado Garrincha*. Agora, Castro decidiu levar aos leitores os detalhes de como tomam forma esses livros que escarafuncham a vida alheia de maneira a tentar compreender e traduzir personagens anônimos ou famosos. Em *A vida por escrito — Ciência e arte da biografia*, Castro conta como nasce e cresce uma biografia. O livro chega às lojas ao mesmo tempo que *A arte da biografia — Como escrever histórias de vida*, de Lira Neto, autor de *Getúlio*, *Padre Cícero: Poder, fé e guerra no sertão* e *Maysa: Só numa multidão de amores*.

Lira Neto garante que os dois lançamentos são apenas uma coincidência e não nasceram de encomendas. Tanto ele quanto Castro ministram aulas de escrita biográfica e os livros nada mais são do que a sistematização dos conteúdos trabalhados durante as oficinas. Neto mora em Portugal desde 2018 e, muito antes de se mudar, pensava em criar um curso para atender a pedidos de amigos e conhecidos. O jornalista e escritor propôs então o projeto à Universidade do Porto, que aceitou e viabilizou o programa no ano passado. “Foi um curso muito procurado, com alunos portugueses e brasileiros. O interessante e sintomático é que eram pessoas das mais variadas formações e das mais variadas faixas etárias e interesses”, conta.

Para Ruy Castro, é possível ensinar a escrever biografias, mas é importante ter claro os critérios que definem o gênero e o diferenciam das reconstituições históricas. “Nos cursos que costumo ministrar dou as dicas essenciais. Escrever biografias é uma técnica — logo pode ser ensinada (e aprendida)”, diz. “Na biografia,

o personagem está em primeiro plano, e o tempo e o cenário são secundários; na reconstituição histórica, é exatamente o contrário. É preciso certa habilidade do escritor ao trabalhar com cada um desses dois gêneros.”

Lira Neto inicia o livro com o capítulo *Como e por que sou biógrafo*, uma pequena autobiografia na qual explica como acabou por se encantar pelo gênero. Repórter do jornal *O Povo*, em Fortaleza, ele decidiu largar a redação para se concentrar em escrever biografias em 2001. Na época, já havia publicado *O poder e a peste: A vida de Rodolfo Teófilo*, mas a maioria dos colegas e profissionais ao redor acharam que ele era louco. Viver de livros, no Brasil, já não é fácil. Imagina de biografias, trabalhos que consomem anos de pesquisa e levam tempo para serem publicados. Mesmo assim, o então repórter sabia que estava no caminho certo. “Resolvi escrever esse capítulo para dar uma dimensão da própria questão profissional, mostrando que é um ofício que exige muita ralação, mas que, com muita persistência e foco, acaba por produzir resultados. Era um pouco para mostrar que, além das dificuldades naturais de pesquisar e escrever, há uma dificuldade natural no Brasil de sobreviver disso”, explica.

Como introdução, Ruy Castro preferiu contar uma história real de como biografias podem salvar vidas. No primeiro capítulo, ele relembra de um empresário que pediu aos sequestradores *O anjo pornográfico* e conseguiu

amenizar o cativeiro ao se tornar obcecado por ler e reler os detalhes da vida de Nelson Rodrigues. Nos outros capítulos, os autores se concentram em destrinchar suas próprias metodologias de pesquisa, as referências sempre presentes durante a confecção da biografia, a escolha do biografado, a apuração e os limites do trabalho biográfico.



A VIDA POR ESCRITO — CIÊNCIA E ARTE DA BIOGRAFIA
De Ruy Castro. Companhia das Letras, 192 páginas. R\$ 64,90

Três perguntas para Ruy Castro

O que aprendeu sobre si mesmo e sobre os outros ao se dedicar ao ofício da escrita de biografias?

Ah, muita coisa. Com o Nelson, tornei-me mais brasileiro. Com o Garrincha, vi-me muitas vezes nele e aprendi sobre mim mesmo. Com a Carmen, acho que fiquei mais humano — além disso, o livro sobre ela foi escrito durante um brutal tratamento de câncer a que estava me submetendo (e desafio o leitor a perceber isso na escrita). O biógrafo é o primeiro a se beneficiar de uma biografia.

O que há de tão fascinante no passado?

Tudo — e pode ter certeza de que não tenho saudade de nada. Se nasci em 1948, como posso ter saudade dos anos 20, 30 ou 40? E só vivi bem os anos 50 porque era precoce. Mas também não tenho saudade dos anos 60, que vivi intensamente. O passado é a história, e é preciso que haja gente que o mantenha vivo, para não nos embrutecermos com o presente.

Existe uma biografia que você mais gostou de escrever ou que mais te surpreendeu?

Gostei de todas, mas a que mais gostei de escrever era a que estava escrevendo naquele momento. Sempre foi assim e acho que tem de ser assim. O compromisso com o trabalho, enquanto ele está sendo realizado, tem de ser total. Você praticamente se muda para a vida do biografado ou para dado lugar ou época que esteja reconstruindo.

BIOGRAFIA



A ARTE DA BIOGRAFIA — COMO ESCREVER HISTÓRIAS DE VIDA

De Lira Neto. Companhia das Letras, 188 páginas. R\$ 64,90



RUY CASTRO E LIRA NETO, DOIS DOS MAIORES BIÓGRAFOS DO BRASIL, LANÇAM LIVROS SOBRE O GÊNERO E SOBRE COMO ESCREVER A HISTÓRIA DE UMA VIDA

Três perguntas para Lira Neto

Alguns autores como Pierre Bourdieu, dizem que a biografia é quase impossível porque é impossível tornar linear e simplificar a vida de uma pessoa. Como você lida com isso?

Há um questionamento clássico em relação ao gênero biográfico quando ele fala da ilusão biográfica, um argumento para mostrar que a biografia é um gênero fadado ao fracasso, que ninguém conseguiria

atingir a gênese de uma existência. Eu tenho que ter consciência de que uma vida inteira não cabe num livro, mas você pode iluminar determinados episódios e documentos da vida de um determinado indivíduo para produzir uma narrativa que tente compreendê-lo e não só contar causos episódicos, ou pitorescos, ou anedóticos sobre aquele personagem. Mas entendo que narrar é analisar. Tentando fugir de uma dicotomia que é colocada entre a narrativa e interpretação, acho que, ao narrar, você interpreta, analisa. Então acredito na escrita de não ficção para dar conta de determinadas dimensões do biografado. É uma busca incessante.

E como o biógrafo deve lidar com a interpretação, com os vazios que podem surgir?

O biógrafo tem que ter a humildade de perceber que vai se defrontar com lacunas, com silêncios e silenciamentos, e essas lacunas têm que ser assumidas de forma muito clara para o leitor. O leitor tem que, a todo momento, saber que a documentação não diz tudo, que o conhecimento do passado é necessariamente falhado, não é uma questão

própria só da escrita biográfica, é o próprio conhecimento da história, que é feito de pistas, vestígios, cacos deixados pelo tempo. Cabe a nós ter um olhar para tentar extrair da documentação exatamente esse passado. Essa memória do passado é uma memória construída, você vai ter sempre impressões parciais, produzidas por alguma fonte que é produzida por algum interesse. Por isso o biógrafo não pode ter a pretensão de dizer ‘tudo que escrevo é verdade’.

É preciso uma dose de obsessão para escrever uma biografia?

A obsessão é um ingrediente indispensável à tarefa do biógrafo. Não se faz uma biografia sem uma boa dose de obsessão porque você vai passar alguns anos convivendo com esse personagem. Você terá que sonhar com o personagem, se irritar com ele. Há um envolvimento emocional. Não há uma assepsia. Uma autópsia de um cadáver que você analisa clinicamente. É o contrário. Tem que trazer esse cadáver de volta à vida. Fazê-lo caminhar novamente. Fazer a estátua descer do pedestal e caminhar entre nós. Tirar o biografado do panteão e trazê-lo de volta à vida com toda a sua complexidade. E não se faz isso sem ser obsessivo.